

Campanha pela federalização da Universidade do Paraná: “um inquérito no jornal *Gazeta do Povo*”

Resumo

No ano de 1946 a Universidade do Paraná passou pelo processo de restauração/unificação, uma vez que depois de sua fundação em 1912, ela foi transformada em faculdade isolada por determinação da Reforma Maximiliano de 1915. Entretanto, após a restauração o anseio dos intelectuais paranaenses era ver a Universidade federalizada. Em 1949, Flávio Suplicy de Lacerda, em consequência da morte do Reitor João Ribeiro de Macedo Filho assumiu a reitoria e lançou a campanha pela federalização. Essa campanha foi coberta pela imprensa paranaense de forma repleta e na *Gazeta do Povo* ganhou a forma de inquérito, lançado pelo jornalista Raul Rodrigues Gomes, docente da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, com a finalidade de ouvir a opinião de professores, políticos e estudantes sobre o assunto. Desse modo, o objetivo desse texto foi investigar a dimensão dessa campanha em torno da federalização da UP tomando o conceito de campo de Pierre Bourdieu, sobretudo os campos acadêmico e político. Foi possível observar que a *Gazeta* cobriu a campanha do início ao final mobilizando docentes e políticos paranaenses a exporem suas opiniões exercendo o papel de influenciar a sociedade pela chamada opinião pública.

Palavras-chave: História intelectual da educação. Fontes impressas. Ensino Superior.

Eliezer Felix de Souza

Universidade Estadual de Ponta Grossa
eliezer.felix@hotmail.com

Introdução

Com a morte de João Ribeiro de Macedo Filho, Reitor da Universidade do Paraná (1948/1949), Flávio Suplicy de Lacerda assumiu a reitoria da Universidade por gestões sucessivas. Entre as principais conquistas da gestão Suplicy, destaca-se a federalização da Universidade. Iniciada no começo de sua gestão, a campanha pela federalização contou com a mobilização conjunta de docentes da Universidade e de forças políticas do Paraná.

O objetivo central deste texto é investigar a dimensão dessa “campanha” promovida pelo jornal *Gazeta do Povo* que de certa forma evidencia a configuração político-acadêmica na UP após o processo de restauração. *Um Inquérito sobre a federalização* assinado por Raul Rodrigues Gomes, jornalista e integrante do corpo docente da Faculdade de Direito da Universidade, demarca que a campanha teve uma ampla cobertura no jornal *Gazeta do Povo*¹. Desse periódico, além da informação, é possível observar a discussão sobre a temática, trazendo professores da Universidade e intelectuais paranaenses para se posicionarem sobre esse processo de federalização da UP.

A imprensa começou a ter um papel de destaque na vida social, principalmente no período que marcou a passagem do século XIX para o século XX, pois foi um momento caracterizado pelas transições de pequenas a grandes empresas jornalísticas nos principais centros urbanos brasileiros. Sua atuação passou a traduzir as novas ideias e os novos hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pela população, tornando-se espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade.

Nesse sentido, “o jornal impresso diário é parte de uma estrutura midiática de enorme impacto e cada vez mais, diversificada ação política e cultural” (VIEIRA, 2007, p. 14). Isto é, de acordo com Carlos Eduardo Vieira, “a imprensa permite uma ampla visada da experiência cidadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às

¹ O jornal *Gazeta do Povo* foi fundado em 03 de fevereiro de 1919 por Benjamin Lins e Oscar Joseph Plácido. No ano de 1962 a *Gazeta* passa para as mãos de Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski. Durante o período analisado o jornal permaneceu muito próximo das forças políticas estaduais e nacionais, bem como do corpo docente da Universidade do Paraná.

esferas cultural e educacional” (p. 13). Em síntese, os jornais seriam os “provocadores” da opinião pública.

A chamada opinião pública não é recente no jornalismo e suas principais características datam das duas primeiras décadas do século XVIII na Europa. Carlos Eduardo Vieira argumenta que o conceito de opinião pública está associado à questão da modernidade. Partindo desse princípio, conforme Vieira (2007, p. 19), “a modernidade foi concebida pelos seus principais arautos como a ação edificante da razão que – por meio da ciência, da tecnologia, da instrução e das políticas sociais - universalizaria um novo modo de pensar e agir”. Nesse aspecto, os jornais representariam um importante aliado, não só no papel de incentivador de manifestações pedagógicas, como ainda exerceriam a importante função de polemização. Por isso, a imagem da imprensa, tanto ontem como hoje, está associada ao seu poder de influenciar a sociedade, de formar a chamada opinião pública.

A cobertura da *Gazeta do Povo* em relação à federalização da UP teve como finalidade mobilizar a opinião pública estreitando a relação entre o campo acadêmico e o campo político na batalha pela federalização. Ana Paula Hey (2008) afirma que “o campo acadêmico, entendido como lócus de práticas sociais distintas, relacionadas basicamente a produção e a circulação dos bens acadêmicos, e o campo político, ou seja, a arena das decisões sobre o mundo social” (p. 217-218). A partir dessas definições a autora questiona: “o que significa investigar o campo acadêmico?” (p. 220). De modo geral ela entende “que o campo acadêmico é um lócus de relações que tem como protagonistas agentes que tem por delegação produzir conhecimento acadêmico, isto é, um tipo de prática social legitimada e reconhecida como tal” (p. 220). Nessa relação “as diferentes naturezas de capital e as disposições acadêmicas geradas e atuantes no campo estão materializadas nas tomadas de posições” (p. 220).

No que se refere a noção de campo acadêmico Hey explica:

Trabalho com a noção de campo acadêmico e não de campo científico, pois acredito que, no Brasil, tem se mais presente a concepção de academia (de Platão), com cada área do conhecimento sendo uma

espécie de sociedade de caráter científico e com membros próprios, mais que um *ethos* comum global. (HEY, 2008, p. 220).

Em seu entendimento o campo acadêmico refere-se ao uso de um aparato institucional onde “está em jogo tanto o uso particular de uma categoria de sinais – os discursos acadêmicos – e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo social, quanto ao capital simbólico, ligado ao próprio nome do pesquisador” (2008, p. 222). Ou seja, a fronteira entre o campo acadêmico e campo político, reside por um lado no prestígio galgado dentro do campo acadêmico e por outro lado a visibilidade do “intelectual autêntico [...] que deve possuir uma competência em que ele se autoriza a intervir [...] na política” (p. 225).

Dotados de diferentes capitais, atuando do interior de um espaço (acadêmico) ou do espaço político propriamente, há uma interface entre as instituições governamentais e o pensamento intelectual. Na UP, a fronteira entre esses dois campos, desde o início é bem estreita, com a prevalência num primeiro momento do campo político em relação ao campo acadêmico, invertendo-se posteriormente, sobretudo na década de 1940, onde além de Flávio Suplicy de Lacerda, grande parte dos políticos paranaenses eram professores da Universidade. Segundo Bourdieu,

A noção de campo político tem muitas vantagens: ela permite construir de maneira rigorosa essa realidade que é a política ou o jogo político. Ela permite, em seguida, comparar essa realidade construída com outras realidades como o campo religioso, o campo artístico. (BOURDIEU, 2011b, p. 194).

No entendimento do sociólogo francês “o campo político [...] é um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social, relativamente autônomo no interior do grande mundo social” (2011, p. 194-195). Bourdieu afirma ainda que “nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global” se revestindo de uma particularidade, a saber, “na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social” (p. 195).

Ainda no entendimento de Bourdieu (2011a),

[...] o campo universitário é, como todo campo, o lugar de uma luta para determinar as condições e os critérios de pertencimento e de hierarquia legítimos, isto é, as propriedades pertinentes, eficientes próprias a produzir, funcionando como capital, os benefícios específicos assegurados pelo campo. (p. 32).

Essas características evidenciam o que Carlos Eduardo Vieira e Névio de Campos retratam no texto *Intelectuais e o processo de Formação da Universidade Federal do Paraná (1912-1950)*. Conforme os autores, no processo de fundação da Universidade “identificamos inúmeros docentes que ocuparam antes do ingresso na UP posições importantes como militares e civis” (2012, p. 24). Eles citam como exemplos, Victor Ferreira do Amaral, Afonso Alves Camargo, Candido de Abreu, Moreira Garcez e Carlos Cavalcante. Ou seja, há uma estreita relação entre política e universidade.

Os mesmos autores notam que após a fundação da Universidade, a situação se inverte, sendo que muitos professores da Universidade, “passaram a se tornar autoridades políticas” (2012, p. 25). Como exemplo, são citados os nomes de Brasil Pinheiro Machado (Interventor do Estado), Algacyr Munhoz Mader (Prefeito de Curitiba), Bento Munhoz da Rocha (deputado e Governador do Paraná) e entre outros, Flávio Suplicy de Lacerda (de Reitor a Ministro de Educação).

No entendimento dos autores, essa relação entre o campo acadêmico e o campo político, “reforça a compreensão dos intelectuais [...] como agentes políticos decididamente engajado nos negócios da ágora moderna” (p. 25). Além disso, afirmam que “desse espaço, enunciaram o discurso em defesa da educação, entendida na retórica como condição essencial para levar o estado e o país à modernidade e à modernização” (p. 25).

Depois de criada como Universidade (1912), por força da Lei Maximiliano de 1915, foi imposta a separação das Faculdades, ou seja, a descaracterização enquanto Universidade. Depois dessa fragmentação, as três Faculdades continuaram a lutar por mais de três décadas, com investimentos feitos pela iniciativa privada e subvenção estatal. Durante esse período, mesmo diante da fragmentação, as Faculdades prosseguiram no mesmo prédio, sendo solidárias diante das dificuldades, sem perder as perspectivas de retornarem à condição de unidade universitária. A restauração, de fato,

aconteceria, em 1946. Entretanto, mesmo entusiasmados com essa reorganização, o ideal de federalização ganhou grande espaço nos debates dos professores da UP. Nesse sentido, uma bandeira preconizada por João Ribeiro de Macedo, impedido da continuidade devido à morte em meio a gestão, teve um final vitorioso na gestão de Flávio Suplicy, cuja campanha que iniciou foi promovida pela imprensa paranaense.

O espaço da imprensa foi discutido por Bourdieu em estudo de 1997 ao analisar a televisão. Nesse campo, conforme orienta o autor, é preciso estar consciente da seleção que repórteres, redatores e editores operam na realidade social e também no conjunto das produções simbólicas. Na sua avaliação

o campo jornalístico se impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as dos mercados dos anunciantes. (BOURDIEU, 1997, p. 102).

Dito isto, a campanha pela federalização da UP mobilizou os integrantes dos três campos: o campo acadêmico que lançou a campanha; a ação de políticos; e por fim, a imprensa que teve o papel de articulação e integração entre os campos político/acadêmico.

Raul Rodrigues Gomes: “Um inquérito sobre a federalização”

Com a morte do Reitor, professor João Ribeiro de Macedo, em pleno mandato (04 de agosto de 1949), Flávio Suplicy de Lacerda assumiu a direção da Universidade do Paraná de forma contínua e por vários anos. Em relação a Flávio Suplicy o Anuário da Universidade informa que “natural da Lapa [...] desde 1931 leciona na Faculdade de Engenharia [...], o professor Lacerda exerceu anteriormente os altos cargos de superintendente da Rede Viação Férrea Paraná/Santa Catarina e de Secretário de Estado, na pasta de viação e obras publicas” (Anuário, 1949, p. 11).

Um dos aspectos significativos do início da gestão de Flávio Suplicy de Lacerda foi o destaque dado a Campanha pela federalização da Universidade. No relatório geral,

apresentação feita na sessão solene da Assembleia Universitária de 19/12/1949, o professor Flávio Suplicy relembra: “os que restauraram a Universidade, naquela emocionante mobilização que em 1946 reuniu novamente as Faculdades dispersas, traçaram de início para este estabelecimento uns objetivos fundamentais: fazer da Universidade um centro de cristalização de uma consciência paranaense”. Entre esses objetivos estava “criar uma cúpula de unidade de espírito e de pensamento ligado aqueles que, pelas Faculdades Congregadas, fossem preparados para as funções liberais”. Entretanto, “três anos já se passaram do início desta caminhada e grandes e proveitosos frutos já estamos colhendo”.

Esse entendimento se dá porque para Flávio Suplicy de Lacerda “a Universidade restaurada se firmou na coletividade paranaense. Já daqui partiram as primeiras bandeiras que foram ao interior tomar contato com as populações, estudar-lhe os problemas, viabilizar as soluções”. Nesses primeiros anos “conferências inúmeras de difusão cultural foram realizadas, atraindo para o nosso meio a atenção de homem de ciência que pouco nos conheciam. Cursos de especialização foram efetivados [...]” (SUPLICY, 1949, p 82). Porém, “sentimos estar a nossa Universidade chegando ao término da capacidade limite do que pode realizar uma iniciativa particular” (SUPLICY, 1949, p. 82). Visualizando os recursos federais “conclama, então, toda a gente do Paraná para cerrar fileiras com sua Universidade na campanha da Federalização que será encetada pela reitoria e por todos os demais órgãos integrantes da instituição”.

Essa campanha, logo de imediato ganhou o apelo da imprensa paranaense. Na Coluna Vida Universitária o jornal *Gazeta do Povo* trouxe uma matéria com o seguinte título: *Glória da cultura paranaense: a Universidade do Paraná comemorou o seu 37º aniversário de fundação – rápido histórico da federalização*. Na referida matéria o jornal informa que na

[...] sessão solene do Conselho Universitário, presidida pelo Magnífico Reitor, professor Flávio Suplicy de Lacerda o ilustre paranaense conclamou a todos para a **batalha da federalização**, sonho dos batalhadores desse empreendimento que tanto orgulha o Paraná. Assim é que, desde já, estamos todos nós, empenhados nessa luta que nos trará vantagens. (GAZETA DO POVO, 21 dez. 1949).

Em matéria intitulada *Campanha da federalização da Universidade*, assinada pelo jornalista paranaense Raul Gomes, num primeiro momento ele critica “a exclusão de nossa Universidade do projeto de federalização de todas as instituições de ensino superior do Brasil”. Segundo ele “estendeu-se essa medida de Estados poderosos como os de São Paulo, Minas, Rio Grande, Pernambuco e Bahia, e as modestas unidades como as do Amazonas, Piauí, Goiás, Ceara, Alagoas sob o pretexto da uniformização de suas diretrizes”. Em seguida ele concluiu enfatizando que:

A vibrante, entusiástica e vigorosa convocação do Magnífico Reitor deve ter ecoado, seguramente repercutiu no cérebro e no coração de todos os Paranaenses de modo que comece e se desenvolva até a vitória total e absoluta essa grande e gloriosa campanha pela nossa Universidade – momento cristalizador da nossa energia e da nossa devoção ao ideal, a cultura e ao progresso de nossa pátria (GAZETA DO POVO, 27 dez. de 1949).

Na edição de 06 de janeiro de 1950 a *Gazeta do Povo* informa a existência de *Um inquérito sobre a federalização da universidade*, lançado por Raul Gomes acerca da oportunidade, viabilidade e indisponibilidade da federalização da UP. O mesmo texto é assinado por Raul Gomes, cuja passagem acima e no mesmo jornal, critica o esquecimento do Governo Federal na lista das Universidades brasileiras que passariam pelo processo de federalização. Sobre o inquérito A *Gazeta do Povo* anuncia que Raul Gomes dirigiu para isso, um questionário a professores, discentes, instituições culturais, pedindo seu pronunciamento a respeito. Nessas interrogações, “o nosso colaborador solicitou urgência, sintetização e franqueza de opinião”.

No artigo a *Justiça ao nosso prenome universitário: vozes eminentes* (GAZETA DO POVO, 18 jan. 1950) o jornal começou a reproduzir as respostas sobre o inquérito lançado por Raul Gomes. É muito interessante o pronunciamento do professor Vieira Alencar que inicia sua fala protestando: “[...] recebemos com a maior estupefação a notícia de que todas as Universidades do Brasil, exceto a nossa, foram ou estão sendo federalizadas”. Para o professor esse descaso com o Paraná trata-se de “injustiça [...] uma lamentável inadvertência dos poderes públicos que, sem dúvida nenhuma, há de ser reparada”. Por isso entende que “nada mais justo, patriótico e razoável do que uma campanha bem

orientada com o objetivo de alcançar a federalização do nosso grande instituto de ensino”. Entretanto, em seu entendimento a concretização desse objetivo só será alcançada se

[...] organizar uma ação conjunta dos poderes públicos do Estado, de seu governador, que, aliás, já tem demonstrado por atos e palavras o seu empenho como cooperar para o engrandecimento da Universidade como já fizeram um dos seus beneméritos antecessores, Dr. Brasil Pinheiro Machado, - ação conjunta, esta que não deve faltar o decidido apoio da representação federal paranaense, do magnífico Reitor, que sei sinceramente empenhado na realização desse nobre objetivo. A essa prestigiosa campanha não deverá faltar o apoio e o prestígio da imprensa daqui e do Rio de Janeiro, do corpo docente e discente da Universidade e de todos quantos amam o Paraná e o Brasil. (GAZETA DO POVO, 18 jan. 1950).

O professor Homero de Barros também atendeu ao apelo lançado por Raul Gomes. Na mesma edição em resposta a federalização da Universidade do Paraná ele se posiciona: “posso dizer-lhe que como membro do Conselho Universitário, estou decididamente empenhado na campanha pro-federalização”. Segundo Barros, “os motivos que recomendam são evidentes e incontestáveis, de modo que se trata apenas de reconhecer um direito correspondente a uma situação de fato que já conquistamos”. Termina sua resposta destacando a ação de Raul Gomes ao felicitar “pelo empenho em que está dedicando a tão justa causa, que mais interessa a cultura nacional que ao Paraná exclusivamente”.

No texto *A Universidade e sua federalização* o jornal *Gazeta do Povo* traz a opinião do professor Plínio Tourinho da Faculdade de Engenharia que se pronuncia da seguinte forma:

Em princípio, nunca tive simpatia pela federalização do Ensino Superior, convencido de que as iniciativas e organizações particulares, quando bem amparadas pelo poder Público e honestamente administrada, são menos onerosas e muito mais produtivas que as instituições oficiais. Independente desse meu modo de pensar é, entretanto de estranhar a exclusão da nossa Universidade do plano de federalização do ensino superior de muitas escolas e, por mais que medite semelhante propósito não encontra fundamento ou qualquer justificativa razoável. O assunto é bastante complexo e tanto mais quando é certo que algumas escolas federais não estão contentes com essa situação, pela falta absoluta de autonomia financeira. Entre a passagem integral para o Governo Federal e um aumento da subvenção capaz de melhorar as condições de nosso

ensino, pronuncio-me a favor da segunda proposição, na convicção de que se com sacrifício fizemos tanto, com um pouco mais de auxílio Federal, que nos permitisse melhorar um pouco a situação de nossos professores, o progresso de nossas instituições não teria limites. Se fosse possível obtermos um auxílio Federal capaz de melhorar as nossas condições atuais, sem prejuízo da autonomia financeira que tem sido o fator primordial do progresso do Ensino Superior do PARANÁ, resolveríamos com vantagem o problema que tanto nos preocupa. Mas, sendo pensamento do Governo o centralizar todos os grandes empreendimentos, amarrando-os à burocracia administrativa que tanto prejudica o desenvolver do país, outro recurso não há, senão o de aceitar a federalização (GAZETA DO POVO, 19 jan. de 1950).

Na sequência o jornal traz a opinião de Oswaldo Pilotto. Conforme esse docente:

I) A nossa Universidade já tem tido alto conceito entre os maiores do Ensino Superior do Brasil. Faltou o interesse nosso em favor da federalização. Não há culpados, entretanto. Devemos exigir, agora, o esforço e a compreensão de todos para a solução honrosa de nosso problema. II) A Campanha é da hora presente. O entusiasmo com que o magnífico Reitor, professor Flávio Suplicy de Lacerda, a proclamou aberta, no dia do Paraná, em Assembleia Universitária, é a palavra de ordem da gente que quer realmente o verdadeiro sentido da Universidade entre nós. Quem estiver contra o ideal da federalização só pode tomar esta atitude renegando para plano secundário a evolução da nossa vida cultural para considerar mais forte o interesse pessoal e particular em manifesta estreiteza de espírito. III) É preciso trabalhar, em todos os sentidos, pela campanha. Todas as classes devem entrar na batalha porque a Universidade em sua fase de plano de federalização que já vive, é no momento o problema vital da cultura, da educação, da produção, da política administrativa, portanto, o problema vital do progresso do Paraná em bases sólidas. A ninguém cabe se por à margem dessa campanha. (GAZETA DO POVO, 19 jan. de 1950).

No artigo A federalização, um imperativo do momento. Novas e valiosas opiniões sobre o movimento que vem empolgando os nossos meios culturais o jornal informa que “vem monopolizando não só a atenção dos nossos meios universitários, mas a de todo o povo paranaense a campanha em prol da federalização da Universidade do Paraná” (GAZETA DO POVO, 22 jan. de 1950). Inicialmente ratifica sua posição editorial: “GAZETA DO POVO, fiel a sua tradição de estar sempre ao lado dos grandes movimentos encetados pelo nosso povo, tem ouvido as expressivas figuras de nossos meios culturais, sobre esta magnífica campanha” traz as opiniões dos professores Guarita Cartaxo e Enéas Marques.

O professor Guarita Cartaxo diz que:

Já se ofereceu oportunidade de na congregação da Faculdade de Direito dar meu voto pela federalização da Universidade. Fi-lo com a consciência de contribuir para a vitória de uma grande causa, pois, criado um inexplicável regime de exceção e exclusão de nosso glorioso conjunto de institutos de ensino superior, corrigi-lo é um ato de equidade. E esperamos todos nós que isso se dará tanto que nossas forças culturais, políticas e sociais se mobilizam no sentido dessa conquista. (GAZETA DO POVO, 22 jan. de 1950).

O professor Enéas Marques se pronuncia dizendo que:

Desde que li no “Diário de São Paulo” a notícia da iniciativa da união no sentido de federalizar todas as escolas e universidades do Brasil com exclusão da nossa, não tive mais sossego de espírito. E quando S. Magnificência lançou sua proclamação já me encontrou disposto à batalha pela oficialização do nosso grande instituto, pois aquela iniquidade deve ser reparada. (GAZETA DO POVO, 22 jan. de 1950).

Como se trata de inquérito público feito pela imprensa paranaense, em tese, tanto Guarita Cartaxo quanto Enéas Marques discordam da opinião de Plínio, cuja defesa, desde que haja subsistência pública a preferência é que a Universidade seja administrada por particulares. A esse respeito respectivamente o primeiro diz que “a medida em apreço apresenta vários aspectos examinado em seu inquérito, alguns deles revestindo-se de feição sentimental, pois seus opinantes pensam que seria interessante mantermos a nossa situação de sociedade civil”. Em seu entendimento Cartaxo diz que “infelizmente a realidade nos faz refletir sobre as dificuldades que essa situação cria, pois as necessidades aumentam de ano para ano dado o imperativo da expansão universitária”. Enéas Marques opina no sentido de que “dadas as condições precárias de nossa cultura política em geral, essa situação acarretaria males e inconveniências muito maiores que a simples federalização”. Esses males, no entendimento de Enéas Marques advinha “das incertezas da consecução de auxílios” ficando seguro apenas no “que se refere a renda e a contribuição dos alunos”.

Na edição de 24 de janeiro a *Gazeta do Povo* explicita que “a campanha da federalização da nossa Universidade ganha, cada vez mais, vulto maior, principalmente, pela simples razão de ser uma causa do Paraná” (GAZETA DO POVO, 24 jan. de 1950).

Rememora o apelo de Flávio Suplicy: “chegamos ao limite em que a iniciativa privada deve necessariamente, receber o auxílio da União”. Ainda em relação a Flávio Suplicy comenta que:

O Magnífico Reitor da Universidade, professor Flávio Suplicy de Lacerda, é o homem que está movimentando a consciência paranaense, no sentido de empolgar a todos pela causa da federalização da nossa maior casa de ensino superior. As individualidades de maior prestígio têm se pronunciado a respeito, e todas elas olham o problema por um só prisma, tendo uma única solução. (GAZETA DO POVO, 24 jan. de 1950).

A mobilização da Universidade atravessa a partir da imprensa os muros da Instituição, aproximando a relação entre o campo acadêmico e o campo político. Essa dimensão pode ser observada no anúncio de uma comitiva formada pelo governo Moysés Lupion. Conforme enfoque do jornal *Gazeta do Povo* “processa-se, em todo o Paraná, um dos movimentos mais esplendidos e empolgantes, qual seja a federalização da nossa Universidade” (GAZETA DO POVO, 07 fev. 1950). O texto reproduz que “a Iniciativa, que está centralizando as atenções das camadas culturais de nossa terra, foi o fruto da evolução natural por que passou a nossa maior casa de ensino”. Para o jornal “com larga repercussão, o movimento, gradativamente, foi tomando maior vulto e, em nossos dias, atinge uma fase culminante”.

Com relação a Moysés Lupion enfatiza que:

O Governador [...], que sempre evidenciou, pelas coisas que dizem respeito à nossa cultura, a mais carinhosa atenção, irá chefiar a delegação formada pelo magnífico Reitor, diretores de Faculdades e presidentes das Associações da classe estudantil, que irá ao Rio de Janeiro, entregar um memorial ao Presidente da República, solicitando a federalização. [...] Na capital Federal, com o lustre de seu nome, com a dinamicidade que lhe é traço forte, o Governador Lupion vai advogar uma causa do Paraná e que fará com que nos situemos, mais ainda, em lugar de preeminência no cenário do país, como um Estado que preza que tudo faz pela cultura de seus filhos (GAZETA DO POVO, 07 fev. 1950).

Na edição de 14 de fevereiro de 1950 o jornal *Gazeta do Povo* enfatiza que:

a federalização da Universidade do Paraná, objetivo da grande campanha que empolga o espírito de nossa gente, já se mostra como conquista feita, depois da viagem, à Capital da Republica da delegação que representou junto aos mais altos Poderes da União, a mais alta reivindicação em que se empenha nosso Estado, nos dias que correm. (GAZETA DO POVO, 14 fev. de 1950).

Na continuidade o jornal procurou ouvir representantes da comitiva que esteve na Capital Federal empenhada à grande causa. Inicia com a fala de Flávio Suplicy de Lacerda que afirma “[...] relativamente ao retumbante sucesso da nossa viagem ao Rio nada mais de adiantar porque os jornais paranaenses publicaram tudo que a Reitoria da Universidade pede a todos os paranaenses, nesta grande e extraordinária campanha em que o Paraná se uniu num só vontade”. O professor Eurípedes Garcez do Nascimento, Diretor da Faculdade de Medicina pronuncia-se dizendo que “há vários aspectos dignos de notas, com respeito a delegação paranaense, junto a Presidência da Republica e ao Ministro da Educação”. Para Garcez, “o Governador Lupion com sua inteligência e prestígio constituiu-se o que pode chamar-se alma de tudo”. Destaca o papel dos políticos paranaenses ao concluir que foi “uma grande jornada, e mais uma oportunidade para os homens do Paraná se unirem, à volta de um ideal coletivo”. O Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, professor Loureiro Fernandes declarou “que o objetivo da campanha federalizadora foi amplamente conseguido”. Essa conquista no entendimento de Fernandes deveu a maneira inteligente como o Magnífico Reitor conduziu a questão. Questão, aliás que por “sua iniciativa, lançada na Assembleia Universitária de 19 de dezembro último, apelando ao Governador e ao povo paranaense para juntos unirem seus esforços, foi o segredo do êxito alcançado”. Ainda para Fernandes o Governo e o povo do Paraná atenderam ao apelo feito por Suplicy.

Em nota *Federalização* a *Gazeta do Povo* informa que “foi sancionada pelo ilustre consolidador da democracia brasileira, Presidente Eurico Gaspar Dutra, a lei, que federalizou a Universidade do Paraná” (GAZETA DO POVO, 07 dez. 1950). O jornal informa ainda que “a cerimônia oficial da federalização será realizada no dia 19 de dezembro de 1950, uma data simbólica, que além de rememorar a data da fundação da Universidade, é um marco da campanha pro-federalização”.

Na continuação o jornal opina que

Entregue ao Governo Federal, a Universidade do Paraná, teremos, necessariamente, os elementos essenciais a realização de uma educação completa, aliás, nem sempre possível sem a federalização, pelo fato de, por vezes, serem deficientes as doações a algumas de nossas Faculdades. [...] Imprescindível se torne lembrar, nesta hora de festas para a mocidade estudiosa, que um homem pôs se a frente desse movimento, não com intuito de receber a glória de trabalhador, mas porque urgia o seu nome aparecer ligado ao movimento. De fato, Moyses Lupion conduziu o movimento reivindicador para o final auspicioso, não por outros motivos, senão aqueles de trabalhar pela educação, incentivar a cultura, que tem sido mercê de seu esforço, o traço todo de sua benéfica administração. A federalização encontrou em Moyses Lupion, em nossos catedráticos, nos legisladores, na classe acadêmica e no povo, os elementos que possibilitaram a sanção do projeto de lei que a regulou, assinada pelo general Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República do Brasil, para a felicidade da elite pensante paranaense. (GAZETA DO POVO, 07 dez. 1950).

A Gazeta fecha essa campanha repercutindo a assembleia de federalização. Na *Gazeta do Povo: O Estado e a Universidade parecem viver as mesmas pulsações de vida* (GAZETA DO POVO, 21 dez. 1950). Nessa edição uma grande imagem na capa destaca a festa de comemoração do aniversário de emancipação do Estado do Paraná, com ênfase à federalização da Universidade e reproduz o discurso do Governador:

[...] Hoje, não se vive no Paraná em qualquer lugar, qualquer momento, longe da influência e dos benefícios de nossa Universidade. As casas onde estão os nossos lares foram projetadas e construídas pelos vossos alunos, as nossas ruas, as nossas cidades e os nossos caminhos foram planejados por eles, a sorte de nossos direitos entregamo-los às mãos dos que saíram de vossos bancos, e a nossa saúde e educação de nossos filhos, e o jornalismo e a vida política, a vida diária, enfim, estão frequentados por eles, estão presentes com a presença da inteligência disciplinada, em toda nossa vida coletiva. (GAZETA DO POVO, 21 dez. 1950).

Nessa mesma edição, na matéria Entrega de diplomas de benemerecência ao Governador Moyses Lupion, professor Clemente Mariani e Dr. Brasil Pinheiro Machado o jornal *Gazeta do Povo* comenta que a sessão solene da Assembleia da Universidade do Paraná, cujo objetivo foi a comemoração do 38º aniversário da instituição de ensino “teve, este ano, um brilho novo pela importância de que se revestiu” (GAZETA DO POVO, 21 dez. de 1950). Segundo o jornal, “além de assinalar a passagem do 38º aniversário de fundação de nosso Instituto de ensino superior, a magna Assembleia festejou a

federalização da Universidade do Paraná e homenageou três de seus grandes benfeitores: Moyses Lupion, professor Clemente Mariani e Dr. Brasil Pinheiro Machado que foram homenageados durante a sessão”. Sobre Moyses Lupion o discurso do jornal enfatiza que “[...] durante toda a sua gestão, à frente do Executivo Estadual, prestigiou, amparou e beneficiou nossa Universidade de maneira ainda inédita, na História administrativa do Paraná”. Sobre Clemente Mariani a descrição referencia que “[...] quando na pasta da Educação e Saúde, do Governo da Republica, foi o advogado, junto ao General Eurico Gaspar Dutra, dos interesses paranaenses, em prol da federalização da Universidade do Paraná”. No que se refere a Brasil Pinheiro Machado “[...] o deputado Federal, quando Interventor Federal no Estado, tornou-se merecedor das homenagens que lhe foram prestadas, por haver possibilitado a reestruturação de nossas escolas superiores, dentro do primeiro sistema de Universidade”. O jornal informa que a sessão solene foi presidida pelo Reitor Flávio Suplicy de Lacerda, Reitor e além dos homenageados estiveram compondo a mesa, o Arcebispo Metropolitano Dom Manuel da Silveira D’Elboux e os professores Victor Ferreira do Amaral e Ernani Guarita Cartaxo.

Conforme o jornal, o primeiro a falar foi o Reitor Flávio Suplicy de Lacerda que rememorou “o lançamento a 19 de dezembro de 1949, da campanha pela federalização, o empenho com que ela se realizou, com a participação de todas as forças componentes da sociedade paranaense [...]” (GAZETA DO POVO, 21 dez. de 1950). Na sequência a fala dos membros da mesa. O professor Ernani Guarita Cartaxo, “ilustre catedrático analisou a importância e justiça do ato que federalizou a Universidade do Paraná, bem como ressaltou os relevantes serviços prestados, pelos eminentes homenageados, ao ensino superior do Paraná”. Em seguida falou o Governador Moyses Lupion: “interpretando seu agradecimento, pela honra da homenagem recebida e focalizando a influência civilizadora e impulsionadora do progresso, exercida pela Universidade, na vida coletiva do Paraná”. O professor Clemente Mariani “pôs em destaque a legitimidade das tradições Universitárias paranaenses e o direito inegável que tinha nossa Universidade de receber os benefícios de sua federalização”. Em sua fala o professor Brasil Pinheiro em tom de agradecimento disse que

Recebo o título que a egrégia Assembleia Universitária me concedeu, ao mesmo tempo com humildade e com orgulho. Com humildade, porque reconheço que se algum benefício de valia pude prestar à Universidade do Paraná, é porque reconheço que a oportunidade de fazê-lo, foi me concedida; e com orgulho porque vejo que a pequena contribuição que pude juntar com esforço de tantos homens de Governo e de magistério, frutificou nessa esplêndida organização que hoje se apresenta com toda pujança, apoiada numa tradição que lhe constitui uma base sólida para sua expansão no presente e no futuro. Ao mesmo tempo agradeço sinceramente desvanecido, apresento meus votos para que a Universidade, no crescimento de seu trabalho nunca se esclerose na burocracia de um magistério escolar, mas que penetre a consciência popular, preparando-lhes os líderes da civilização espiritual que já é de nossa tradição, e da civilização técnica que é a base da felicidade e da riqueza dos povos contemporâneos. (GAZETA DO POVO, 21 dez. de 1950).

O jornal *Gazeta do Povo* encerrou a campanha pela federalização com discurso de Flávio Suplicy de Lacerda na Assembleia formal de restauração:

Durante a sessão da Assembleia Universitária realizada em 19 de dezembro do ano passado, conclamávamos a gente do Paraná a cerrar fileiras com a sua Universidade para a batalha da federalização que iríamos travar. Convocamos, então, para ela, os melhores esforços do Governo Estadual, das nossas associações científicas e culturais, da certeza de que de pronto estariam ao nosso lado. E acrescentávamos: “e oxalá a próxima Assembleia Universitária possamos comemorar a efetivação de tão justo anseio, em benefício do Ensino Superior do Brasil, e hoje aqui estamos, senhores professores, após um longo e espinhoso ano de trabalhos intensos pela vitória da nossa causa, para comemorar, festiva e solenemente, a lei que federaliza a Universidade do Paraná, promulgada em oito deste mês. **A campanha iniciada no dia do Paraná foi a de maior vulto já verificada no Estado, e nela se empenharam, em poucos dias, todos os órgãos da opinião pública, as associações, as bancadas legislativas, os professores, o povo, o Governo, numa estupenda unanimidade de pensamento e de ação, provando que a Universidade, havia de fato, chegado com excelsas glórias ao final de sua primeira fase**, que constitui a mais vigorosa afirmação da iniciativa particular do Brasil e que podia reclamar dos poderes públicos federais o direito, que tínhamos e indiscutível, de continuarmos o caminho traçado do nosso devotamento ao Ensino Superior no Brasil. (GAZETA DO POVO, 22 dez. de 1950, grifo nosso).

Considerações finais

A imprensa paranaense atendeu ao apelo pela federalização da UP lançado por Flávio Suplicy de Lacerda e encaminhou uma campanha em torno da temática, trazendo

para compor os sujeitos desse debate os professores e políticos do Paraná. No jornal *Gazeta do Povo* essa cobertura ganhou dimensão de Inquérito, lançado pelo jornalista Raul Gomes, ouvindo professores, políticos e estudantes sobre a temática da federalização. É interessante notar, que depois de lançar o inquérito em forma de questionário, Raul Gomes sai de cena, ficando a temática do jornal *Campanha pela federalização* até o final.

Pelo que observamos o *Jornal Gazeta do Povo*, ao longo da análise não demonstrou oposição tanto aos representantes políticos como docentes da Universidade. Pelo contrário, sempre impôs discursos elogiosos, enaltecendo as trajetórias de políticos como Brasil Pinheiro Machado, Moysés Lupion, Flávio Suplicy e o próprio presidente Eurico Gaspar Dutra. Em termos bourdieusianos intermediou a luta conjunta (campo acadêmico e político) em torno da temática que consubstanciou a vitória conquistada em torno da federalização e divulgada até o fim pelo periódico.

Fontes:

Jornal *Gazeta do Povo* – 1948-1952 (Biblioteca Publica do Paraná).

UFPR, anuário da Universidade do Paraná, 1948 a 1952.

Referências:

BARANOW, Ulf G.; SIQUEIRA, Márcia Delledone (org.). Universidade Federal do Paraná: história e estórias - 1912 a 2007, Ed. UFPR, 2007.

BOURDIEU, P. **O Campo**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011b, pp. 193-216.

BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Florianópolis: Ed da UFSC, 2011a.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAMPOS, Nevio de. Flávio Suplicy de Lacerda: cruzada pela federalização e expansão da Universidade do Paraná. In: **Reflexões UFPR 100 anos**. (org.) Renato Lopes Leite e Ricardo

Costa de Oliveira. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HEY, A. P. Fronteira viva: o campo acadêmico e o campo político no Brasil. In: Azevedo, M. L. N. (Org.). **Políticas públicas e educação: debates contemporâneos**. Maringá: EDUEM, 2008, v. 1, p. 217-230.

LACERDA NETO, A. V. de. **O magnífico reitor** (biografia de Flávio Suplicy de Lacerda, ensaio de histórico da UFRP de 1949 a 1971). Curitiba, 1988.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em história da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Taborba de. **Cinco estudos em história e historiografia da Educação**. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007b, v. 1, p. 11-40.

WACHOWICZ, R. C. **A Universidade do Mate**. História da UFPR. Curitiba: APUFPR, 1985.